

4

Brasil, país do futebol?

HILÁRIO FRANCO JÚNIOR

RESUMO

Como todo clichê, aquele que define o Brasil como o país do futebol contém algumas verdades e muitos exageros. É preciso examiná-lo criticamente. Verificar o que é que se entende por esse rótulo e analisar cada um de seus componentes de um ponto de vista histórico e comparativo. A conclusão revela, então, tanto sobre o futebol brasileiro quanto sobre o Brasil.

Palavras-chave: Brasil, país do futebol, nacionalismo.

ABSTRACT

As it is the case with any cliché, the one that defines Brazil as the country of football contains some truths and many exaggerations. It is necessary to examine it critically, explore what is meant by that label and analyze each of its components from a historical and comparative perspective. Then, what the conclusion reveals about Brazilian football is as much as it does about Brazil.

Keywords: Brazil, country of football, nationalism.

Como se sabe, o futebol começou no Brasil documentadamente poucos anos após a instituição da República e o início da etapa histórica propriamente nacional. E apesar de algumas resistências iniciais cerca de quatro décadas depois a identidade brasileira passou a ser construída em boa parte em torno do novo esporte. Em 1938 Gilberto Freyre, analista e agente daquele fazer histórico, observava que

“[...] o nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual [que] parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o *mulatismo flamboyant* e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil” (Freyre, 1938).

No mesmo ano, também por ocasião da Copa da França, a poeta Gilka Machado (1978) cantava os heróis que fizeram o mundo

“[...] compreender
numa linguagem muda,
escrevendo com os pés
magnéticos e alados
uma epopeia internacional!

[...]
os Leônidas e os Domingos
fixaram na retina do estrangeiro
a milagrosa realidade
que é o homem do Brasil!”.

Tentando explicar por que aquela realidade não se concretizava em conquistas, Nelson Rodrigues (1958/1993), pouco antes da Copa de 1958, forjou a conhecida expressão “complexo de vira-latas”. Contudo, como é frequente nesse tipo de situação psicológica, a vitória despertou o sentimento oposto, de superioridade, com a torcida e a imprensa não aceitando desde então a hipótese de não ganharmos todas as Copas. Quando isso ocorre sempre se buscam explicações que pretendem manter a autoimagem do nosso futebol intocada – faltou organização por parte da CBD (1966) e da CBF (2006), perdemos sendo campeões morais (1978), não tivemos sorte (1982, 1986), o treinador era incompetente (1990) ou inexperiente (2010), houve um complô (1998). Contudo, seremos realmente superiores? Ou se trata de um dos muitos clichês próprios ao mundo do futebol? A verdade é que nos acostumamos a definir o Brasil como “país do futebol”, sem maior reflexão a respeito.

HILÁRIO FRANCO JÚNIOR é professor aposentado do Departamento de História da USP.

Não está mesmo claro se a expressão significa país onde o futebol é mais praticado, ou mais apreciado, ou mais bem compreendido, ou mais bem jogado, ou que produz os maiores futebolistas, ou que mais vence. Ou todas essas coisas a um só tempo. A dificuldade em decidir não reside apenas no olhar nacional a respeito, inevitavelmente viciado. O mesmo ocorre com estrangeiros que gostam de futebol e conhecem bem o Brasil, como exemplificam dois correspondentes ingleses. Alex Bellos (2003, p. 103), que aqui trabalhou entre 1998 e 2003, julga que se os brasileiros amam mais Garrincha do que Pelé é porque este simboliza a vitória, aquele o prazer de jogar: “O Brasil não é um país de vencedores. É um país de gente que gosta de se divertir”. Tim Vickery (apud Pires, 2012, p. 45), que reside aqui desde 1994, acredita por sua vez que os brasileiros gostam da vitória mais do que do futebol propriamente dito. Tentemos, então, examinar todas aquelas possibilidades de entendimento da expressão “país do futebol”.

Essa condição do Brasil estaria comprovada, afirmam alguns, pelo número de jogadores e clubes aqui existentes. De fato, levantamento da Fifa em 2007 mostrou que o Brasil era o país com mais profissionais no mundo, 16.200, enquanto, por exemplo, a Inglaterra possuía 6.000. Ainda que a cifra bruta seja impressionante, é preciso ver por detrás dela. Boa parte desses praticantes considerados profissionais não consegue viver com a remuneração do futebol, e se insistem é tanto devido ao sonho alimentado pelo exemplo dos ídolos milionários e famosos quanto pela impossibilidade de exercerem outra atividade. Quando, em 2006, o francês Thierry Henry comentou que a técnica dos brasileiros devia-se ao fato de muitos garotos não irem à escola e não terem outra coisa a fazer a não ser jogar bola na rua ou em qualquer canto de terreno, levantaram-se protestos considerando a observação preconceituosa e ofensiva. Todavia ela era correta, e a comprovação está no fato de que à medida que o Brasil melhora seus índices sociais e tira garotos da rua, que eleva seus índices econômicos e escasseiam terrenos baldios nas grandes cidades, os craques espontâneos vão desaparecendo. As escolinhas de futebol, apesar de métodos científicos, não substituem as “escolinhas” dos terreiros. As bolas improvisadas, os pés descalços, o solo irregular aperfeiçoavam o domínio da bola e a criatividade. O futebol em certa medida é esporte da carência, daí o eixo da exportação estar se deslocando da América Latina para a África.

Tomando em conta as respectivas populações, o peso do contingente brasileiro não é superior ao inglês. Por outro lado, a profissionalização reflete mais o contexto socioeconômico do que o amor pelo esporte. Em Bangladesh, por exemplo, 6 milhões de pessoas jogam regularmente futebol, mas não existe nenhuma que o faça profissionalmente. Em termos de praticantes amadores, a China, com 26 milhões, os Estados Unidos, com 25,5, a Índia, com 20,5, estão à frente do Brasil e seus 13 milhões. Esses 7% da população brasileira também ficam bem atrás dos 27% da Costa Rica e 20% da Alemanha. Quanto aos clubes de futebol profissional, nenhuma cidade brasileira pode se vangloriar de possuir 14, metade dos quais na divisão principal, como é o caso de Londres. Ou de Buenos Aires e seus 16 clubes (37 na Grande Buenos Aires), dos quais 6 na elite do futebol nacional.

Nada, também, permite afirmar que o Brasil é o país que mais gosta de futebol. A presença de público nos estádios é bem inferior à de outros países de tradição no esporte. Ou mesmo de tradição mais recente. Em Portugal, na temporada 1951-52 (antes, portanto, da inauguração dos grandes estádios entre 1952 e 1956) foram vendidos cerca de um milhão de ingressos, o que é muito significativo numa população que girava na época em torno de 8 milhões de pessoas (Serrado, 2010, p. 331). Sessenta anos depois, no Brasil o campeonato nacional vendeu menos de 5 milhões de ingressos, ou seja, apesar da distância temporal dos dois casos, a relação ingresso/habitante foi em Portugal o quádruplo (0,125) da do Brasil (0,025). Tomando para ambos os países a mesma data-base, 2012, a média de público dos três clubes de melhor desempenho nesse aspecto foi, em Portugal, de 37.465 pessoas, no Brasil, de 29.694 (Pluri, 2012). Diferença ainda mais significativa se tomado em conta que a população portuguesa é dezoito vezes menor que a brasileira.

Mais importante, a questão não é circunstancial, é estrutural. A média de público brasileiro da última década do século XX foi de 12.586, e apenas em dois anos ultrapassou um pouco os 15.000 pagantes. Nos trinta primeiros anos do campeonato brasileiro (1971-2000), a maior média, verificada em 1983, foi de 22.953¹. Em 2012 continuamos no patamar da década anterior, com 13.010 assistentes nos estádios. Nossos extremos também são piores que os de outros países: os cinco

1 *Placar*, nº 1.171, janeiro de 2001, pp. 55 e 29.

menores públicos estiveram abaixo de 1.500 pessoas, um deles de tão somente 449; dos cinco maiores, três ficaram na casa dos 40.000 pagantes, um dos 50.000 e apenas um acima dos 60.000 (Martinho, 2012).

Considerando a temporada brasileira de 2011 e a europeia de 2011-12, dentre os 100 primeiros clubes mandantes com maior média de público no mundo, 78 são europeus, 10 mexicanos, 4 chineses, 2 norte-americanos, 2 japoneses. E somente 3 brasileiros. O mais bem colocado deles, na 39ª posição, é o Santa Cruz. Os três de maior torcida posicionam-se bem abaixo: Flamengo apenas na 135ª colocação (19 mil espectadores), Corinthians na 65ª (29,4 mil), São Paulo na 112ª (21,5 mil). Outros clubes tradicionais também ficam distantes na lista: Bahia 100º lugar, Internacional 143º, Coritiba 147º, Vasco 17º, Grêmio 184º. Acima de todos os brasileiros encontravam-se dois clubes mexicanos, o América no 9º lugar, com 53.750 espectadores por jogo, o Tigres em 29º, com 41.625. Também superou os brasileiros um clube alemão então na segunda divisão, o Eintracht Frankfurt, 37º lugar, 37.335 de público médio. À frente do Corinthians, naquele ano o melhor dos três grandes brasileiros em termos de torcida, estão ainda um clube norte-americano (Seattle Sounders, 33º), dois chineses (Ghangzhou, 44º; Guizhou Moutai, 58º), um japonês (Beijing Guoan, 48º), dois outros mexicanos (Atlas Guadalajara, 52º; Monterrey, 59º), um canadense (Montreal Impact, 61º) (Pluri, 2012).

O contraste com a Alemanha é particularmente expressivo, pois a média de público ali é o triplo da brasileira (apesar de termos mais que o dobro de população): 45.116 pessoas por partida na temporada 2011-12, na seguinte, 42.421. O maior público no Brasil em 2012, São Paulo e Náutico, foi de 62.207 torcedores, enquanto o Borussia Dortmund em 2011-12 foi seguido a cada jogo por 80.478 pessoas, número estável na temporada seguinte (80.520). Em relação à Inglaterra a desvantagem brasileira é mais antiga. Nossos 13.010 torcedores que foram aos estádios em cada partida de 2012 constituem cifra bem inferior à inglesa em... 1911-12! Nessa temporada a primeira divisão inglesa atraiu 16.775 pessoas por partida; em 1913-14 o número subiu para 23.115; em 1927-28, para 25.364; em 1932-33 caiu para 23.225 em função da Grande Depressão; mas em 1938-39 superou os níveis pré-crise econômica com 30.659 torcedores; em 1949-50 atingiu a marca de 40.702 (Fishwick, 1989, pp. 48-9, 52-3). Nos anos recentes a diferença cresceu ainda

mais, com os estádios ingleses tendo taxa de ocupação em torno de 90%. Enquanto o maior público do mundo na temporada 2012-13 foi Barcelona 2 x 2 Real Madrid – 96.589 espectadores –, grandes clássicos do campeonato brasileiro estiveram bem abaixo – somadas as duas partidas de 2012, turno e retorno, 57.904 torcedores viram o Fla-Flu; 46.836, o Grenal; 43.587, Corinthians-Palmeiras; 39.133 Atlético-Cruzeiro.

O torcedor brasileiro não é, enfim, tão apaixonado quanto se propala. Uma pesquisa do Ibope em 2002, ano de Copa do Mundo, mostrou que de cada dez brasileiros três não torciam por clube algum. A pesquisa DataFolha de 2010 comprovou que a massa de brasileiros sem clube (25%) supera a maior torcida nacional (Flamengo, 17%). Aliás, se não fosse assim, como explicar que a televisão aberta prefere nos dias de semana transmitir novela, outra grande expressão da cultura popular brasileira, no horário tradicional do futebol, que é transferido para bem mais tarde, em prejuízo do torcedor em casa e, sobretudo, no estádio? E que no domingo privilegie programas de auditório²? Com o Corinthians jogando a decisão do Mundial de Clubes de 2012, fato único, a audiência da Rede Globo foi de 31 pontos, enquanto na mesma época a novela *Salve Jorge*, transmitida pela emissora seis vezes por semana durante meses, alcançou 30 pontos em média. Aquela partida teve 61% de *share* (percentual de aparelhos sintonizados em determinado programa em relação ao total de domicílios com televisores ligados naquele momento), cinco meses depois a final da bem menos importante Liga Europa obteve na televisão portuguesa 60% de *share* para Benfica-Chelsea.

O brasileiro médio considera-se grande conhecedor de futebol, o assunto aparece com frequência nas conversas, mas trata-se realmente do povo que melhor conhece a filosofia e a história do jogo, que tem a melhor leitura tática dele? Na verdade seu nível de cultura futebolística é apenas sofrível. Confunde-se saber de cor a escalação de times, lembrar com precisão centenas de lances, estar a par de detalhes da carreira de muitos jogadores, com entender o espírito e as formas do jogo. Mesmo no simples plano da informação, a deficiência é clara. Pesquisa realizada em fins de março de 2013 pela consultoria Hello Re-

2 Para efeitos comparativos, na televisão portuguesa em 2008 das 15 maiores audiências apenas duas não estiveram relacionadas com o futebol, cf. pesquisa citada por Carlos Nolasco, 2010, p. 5.

search mostrou que 85% dos torcedores brasileiros não sabiam o que é a Copa das Confederações (Portal 2014, 2013) que começaria no país dois meses e meio mais tarde e da qual o Brasil era o maior vencedor, até então com três conquistas (1997, 2005, 2009).

Reflexo dessa situação é a quantidade e a qualidade das publicações especializadas. A tradicional *Gazeta Esportiva*, criada em 1947 e que deixou de ter edição em papel em 2001, conheceu sua tiragem máxima, 534.530 exemplares, ao noticiar o Tri do Brasil em 1970. Por comparação, o jornal *L'Équipe*, surgido em 1946 e que circula até hoje com tiragem diária entre 350.000 e 400.000 exemplares, bateu seu recorde em 1998 com a conquista francesa da Copa do Mundo, 1.645.907 unidades. Considerando as respectivas populações naqueles momentos, o diário esportivo brasileiro publicou um pouco menos de seis exemplares por mil habitantes, o francês, 28, quer dizer quase cinco vezes mais. O brasileiro *Lance!*, surgido em 1997, publicou em 2012 cerca de 80.000 exemplares diários, em claro contraste com o português *A Bola*, fundado em 1945, cuja tiragem é de 120.000, com o espanhol *Marca*, lançado em 1938, que distribui a cada dia entre 260.000 e 300.000 (lidos por dois milhões de pessoas), com o italiano *La Gazzetta dello Sport*, fundado em 1896, que imprime todo dia 300.000 (lidos por quatro milhões de pessoas, o que faz dele o jornal mais manuseado do país).

A grande revista mensal brasileira especializada em futebol é *Placar* (criada em 1970) cuja tiragem está em torno de 100.000 exemplares. Ou seja, pouco menos que os 110.000 impressos pela inglesa *FourFourTwo* (fundada em 1994), que além da atualidade do futebol interessa-se pelo seu enraizamento na sociedade. A mesma tiragem de *Placar* é alcançada, com outro nível jornalístico e gráfico, pela francesa *So Foot* (lançada em 2003), de abordagem sociológico-culturalista e linguagem irreverente. Anterior (criada em 2000) e na mesma linha que a congênera francesa, a alemã *11Freunde* vende cerca de 74.000 exemplares mensais. Mesmo na Suécia, de tradição futebolística menor, foi lançada em março de 2000 uma revista refinada no tratamento dos temas e nos ensaios fotográficos, *Offside*, da qual são vendidos um pouco mais de 18.000 unidades a cada edição bimensal. Assim, a proporção é de uma revista para cada grupo de 1.900 habitantes no caso da *Placar*, 1.095 no da *11Freunde*, 650 no da *So Foot*, 527 no da *Offside*, 482 no da *FourFourTwo*.

Parte essencial do clichê “Brasil, país do futebol” é a crença de que aqui se joga com mais habilidade, com mais qualidade. A rigor, porém, o nível de nossas competições é mediano, quando não baixo. O enquadramento institucional impede que a potencialidade esportiva se torne realidade. Se tivéssemos um produto futebolístico realmente organizado e de alto nível técnico, ele seria visto regularmente em muitos outros países, como ocorre com as competições nacionais e continentais europeias. A Premier League, inglesa, por exemplo, tem 212 contratos de televisionamento para o estrangeiro que lhe renderão anualmente 800 milhões de euros a partir de 2013-14. Os direitos televisivos para o próprio Reino Unido foram vendidos pela liga inglesa por 1.167 milhões anuais. Computando ainda a cessão de direitos para rádio, Internet e resumos semanais na televisão, o negócio atinge 2,207 bilhões de euros por ano (no Brasil, em 2012, os clubes receberam o correspondente a cerca de 340 milhões de euros).

Mas largas parcelas do jornalismo esportivo nacional costumam “provar” a condição de país do futebol supostamente detida pelo Brasil, apontando o equilíbrio de seu campeonato, onde sempre há vários candidatos ao título. A observação é procedente, tanto que, em 42 anos de campeonato brasileiro, de 1971 a 2012, 17 clubes diferentes ganharam a competição. Todavia a interpretação do fato não é tão óbvia quanto se pretende. A verdade é que forte concorrência geralmente significa nivelamento por baixo. Os campeonatos mais equilibrados são os mais fracos – nas ligas europeias de 2012-13, a diferença de pontos entre o 1º e o 2º colocados foi de 25 na Alemanha, 15 na Espanha, 11 na Inglaterra, 9 na Itália, 7 na Holanda, 6 na Bélgica, 3 na Suíça, 2 na Rússia, 1 em Portugal. O Bayern e o Barcelona foram campeões liderando seus campeonatos da primeira à última rodada. Na França, embora o campeão tenha dado uma arrancada na reta final e terminado 12 pontos na frente, beneficiado pelos tropeços dos perseguidores diretos, a algumas rodadas do término havia apenas 2 pontos de diferença, levando a revista *France Football* a reconhecer em editorial que o futebol de seu país “é campeão da Europa do suspense, mas lanterna do espetáculo” (Lacombe, 2013, p. 3).

Diagnóstico semelhante poderia ser feito em relação ao Brasil. No que diz respeito ao suspense, o Brasileirão de 2012 acabou com 5 pontos de vantagem do campeão sobre o vice, somente 2 pontos em 2011,



Adilson Monteiro Alves, Vladimir, Sócrates, Osmar Santos, Casagrande, Juninho e Rogê Ferreira durante o Pró-Diretas, em janeiro de 1984

2010 e 2009, 3 pontos em 2008. Quanto ao espetáculo, não é exata a imagem recorrente de que o futebol brasileiro é de ataque e o campeonato prolífico em gols. A média foi de 2,49 gols nas 15.632 partidas jogadas nestes 42 anos de Brasileirão e, ainda que ela tenha subido para 2,69 se computados somente os dez últimos anos (2003-12), está longe da marca obtida pelos principais campeonatos europeus. A falta de espetáculo nacional é clara: em 2012 o Brasileirão marcou 2,47 gols por partida na mesma temporada (2012-13 pelo calendário esportivo europeu), a Bundesliga atingiu 2,93, a liga espanhola 2,87, a Premier League 2,80, a Série A italiana 2,67. Mesmo campeonatos menores superaram a artilharia brasileira, caso do holandês (3,15) ou do português (2,76). O Fluminense, campeão brasileiro de 2012, marcou 1,6 gol por partida, largamente superado pelos seus congêneres europeus: Barcelona (3,03), Bayern (2,88), Porto (2,33), Ajax (2,44), Manchester United (2,26),

Juventus (1,87), PSG (1,78). Os campeões brasileiros dos anos anteriores não foram melhores: em 2011 o Corinthians fez 1,39 gol; em 2010 o Fluminense, 1,63; em 2009 o Flamengo, 1,53; em 2008 o São Paulo, 1,74. Em pontos conquistados, o aproveitamento do campeão brasileiro de 2012 foi, arredondando os números, de 68% contra 76% do italiano, 78% do inglês, 88% do espanhol, 89% do alemão.

Admitindo o fraco nível técnico do futebol jogado no Brasil, alguns comentaristas argumentam que a razão está na intensa exportação de pé de obra, reconhecimento ao talento nacional. Realmente, entre 2003 e 2009 deixaram o país 6.648 futebolistas profissionais; em 2012 os clubes brasileiros foram os que mais exportaram (1.429 jogadores conforme a CBF) e mais faturaram com isso (R\$ 243 milhões, segundo a Fifa)³. A saída maciça de pé de obra nacional é inegável, mas é preciso relativizar os dados, examiná-los do ponto de vista demográfico e econômico. Se em números absolutos nos maiores campeonatos europeus de 2007 trabalharam 104 brasileiros e 72 argentinos, em termos proporcionais esses representavam quase

3 Respectivamente, Antônio Jorge Soares et alii, 2011, p. 910; Lanzuolo & Vieira, 2013; Matos, 2013.



Torcida do Barcelona,
durante jogo Barcelona e Ajax,
pela Copa Uefa 2013



o triplo daqueles, já que a população brasileira é quatro vezes maior. Atualizando os números para 2012 e alargando-os para as 31 maiores ligas europeias, os 515 brasileiros e os 188 argentinos significam a mesma proporção a favor dos *hermanos*.

Sobretudo é preciso não reduzir a importação europeia exclusivamente à qualidade do material humano brasileiro. Do lado da demanda houve grande expansão com a resolução Bosman, de 1995, que estabeleceu a livre circulação de futebolistas pela Comunidade Europeia. Em 2008-09 o contingente estrangeiro era de 59,2% na Inglaterra, 53,1% em Portugal, 51,6% na Alemanha, 39,4% na Itália, 37,3% na Espanha, 34,1% na França. Do lado da oferta, a propensão a emigrar é forte para os jogadores profissionais brasileiros porque 84% deles ganham menos de dois salários mínimos, segundo dados da CBF divulgados em 2009; para clubes e agentes a exportação também é interessante já que o euro vale entre 2,5 e 3 vezes o real e o dólar em torno de 2 vezes.

Que o baixo valor de exportação do jogador brasileiro seja fator importante na escolha dos importadores, vemos na tendência recente do próprio mercado exportador da Europa. Quando, por razões conjunturais, cai o custo desse tipo de trabalhador europeu, ele toma espaços anteriormente ocupados por brasileiros. Devido à crise econômica, a Espanha, de país quase exclusivamente importador, passou a ser também exportador: até 2010 ela não aparecia dentre os oito maiores vendedores de jogadores, em 2011 ocupou a 8ª posição, com 114 atletas, em 2012 subiu para o 6º lugar, com 148. A França acentuou seu papel de exportadora para os vizinhos, onde desde 2009 trabalham a cada ano cerca de 250 franceses, proporcionalmente três vezes mais do que os 500 e poucos brasileiros. É expressivo que a economia mais pujante da Inglaterra seja o destino de boa parte do contingente francês, 359 jogadores nos últimos dez anos, entre a temporada 2003-04 e 2012-13⁴.

Apesar do que repete certa mitologia nacionalista, não temos sempre grandes craques e grandes equipes. Com lucidez, Tostão reconhece que “essa ideia de que só o Brasil é o país do futebol é uma ideia meio exagerada”. Não se pode pensar que “jogador brasileiro

4 Os dados desse parágrafo, que apresentam pequenas variações conforme as fontes utilizadas, foram extraídos de *Placar*, n. 1.375, fevereiro de 2013, p. 72, e *France Football*, n. 3.489, 19/2/2013, p.10.

é sempre bom. E na verdade não é assim. Bons são alguns, craques são poucos. Tem uma turma de bons e uma turma de péssimos”⁵. Comprovando a constatação, no começo de 2007 o site de *La Gazzetta dello Sport* publicou uma pesquisa sobre os piores estrangeiros contratados por clubes italianos e, na lista, os brasileiros ocuparam posição de destaque. Além de jogadores, o raciocínio de Tostão poderia ser aplicado aos treinadores brasileiros, cujo mercado fora do país limita-se à periferia do Oriente Médio e cuja experiência em grandes centros é mínima e malsucedida (Luxemburgo no Real Madrid em 2005, Scolari no Chelsea em 2008). O fato ganha realce se lembrarmos que nos centros futebolísticos importantes trabalham técnicos argentinos, chilenos, portugueses, romenos.

Alguns poderiam dizer que todos os argumentos anteriores são periféricos, que o importante é “dentro das quatro linhas”, e ali o Brasil é o único pentacampeão mundial de futebol. É verdade, mas também nesse domínio a superioridade nacional não é tão flagrante quanto se gosta de pensar. Foi necessário jogar seis Copas do Mundo para conquistar a primeira, em 1958. Depois do tri de 1970, levamos mais seis Copas para ganhar de novo, e com estilo e qualidade que nada tinham a ver com 58-62-70. Vencemos cinco vezes, mas sem que isso represente superioridade destacada – nossas conquistas vieram da participação em 19 Copas do Mundo, o que dá 26,3% de aproveitamento, enquanto a Itália tem 23,5% (4 conquistas em 17 Copas disputadas), a Alemanha 17,6% (3 em 17), o Uruguai 18,18% (2 em 11). O caso desse país é interessante, pois com população equivalente à de uma cidade como Belo Horizonte alcançou dois títulos olímpicos (que nunca conseguimos), duas Copas do Mundo, quase o dobro de Copa América (15 contra 8 do Brasil).

O possível contra-argumento de que o Brasil tem o mérito de ter participado de todas as Copas – caso único no futebol mundial – é pouco consistente. Relembramos os fatos: em 1930 todos os filiados à Fifa foram convidados; em 1934 havia 32 inscritos para 16 vagas, e o Brasil deveria disputar a sua com o Peru, porém este desistiu e o Brasil classificou-se sem jogar; em 1938 Argentina e Uruguai, por razões políticas, renunciaram a disputar a única vaga reservada à América do Sul, e o Brasil, único inscrito, classificou-se

automaticamente; em 1950 (e 2014) o Brasil participou como país-sede; em 1962, 1966, 1974 e 1998, por ter sido campeão da edição anterior. De seu lado, a Itália ficou de fora de duas edições, uma por deficiência técnica, não tendo passado pelas eliminatórias (1958), outra por opção, recusando o convite a participar (1930). A Alemanha não quis participar em 1930 e não pôde em 1950, igualmente absorvida que estava pela reconstrução, já que tinha sido arrasada pelos bombardeios aliados em 1944-45 e debilitada pela morte de cinco milhões de cidadãos. O Uruguai não aceitou disputar a Copa de 1934 por represália ao que considerou o boicote de vários países europeus à Copa de 1930, e recusou também estar na de 1938, pois ela deveria, pelo princípio do rodízio, ser disputada na América do Sul e não na Europa.

Existem práticas e produtos culturais bem conhecidos em todo o mundo e que pelo seu enraizamento ou excelência estão associados a determinados países. Entretanto ninguém pensaria em reduzir a França a “país da baguete”, a Espanha a “país da *siesta*” ou os Estados Unidos a “país do cinema”. Como, então, o Brasil se tornou o “país do futebol”? Devido a um constructo de princípios do século XX. Depois de certa hesitação na década de 1920 quanto à nocividade (por exemplo, Lima Barreto e Graciliano Ramos) ou ao benefício (caso de Coelho Neto) social da novidade que era o futebol, a popularização dele a partir dos anos 30 levou muitos intelectuais a vê-lo como expressão da nacionalidade (Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Mario Filho). Porque as virtudes desta seriam as virtudes daquele, o estilo de jogar brasileiro baseado no talento individual, na improvisação e na exuberância decorreria da sociedade mestiça na qual cada um precisa contar com sua astúcia para sobreviver diante da frágil organização coletiva. Sendo a mestiçagem étnica e cultural brasileira única no mundo pela sua amplitude, o futebol que ela praticava também era único, o que justificava, mesmo antes de surgir a etiqueta, falar em “país do futebol”. Desse ponto de vista, os posteriores resultados positivos no campo de jogo teriam sido apenas a comprovação dessa verdade intuída.

Tal explicação essencialista e racista era ingênua e resultava de um momento histórico bem definido, o que não impediu que se tornasse um mantra longamente repetido. A razão desse sucesso foi dupla. De um lado, certa inércia intelectual decorrente da prática reflexiva pouco institucionalizada (a primeira

5 Entrevista a Christian Schwartz (*Gazeta do Povo*, Curitiba, 10/5/2008, p. 3).

legislação universitária brasileira é de 1931), do prestígio dos defensores daquela interpretação e de certo pudor em se negar ou mesmo nuançar a existência da pretensa democracia racial. Assim, o que tinha sido proclamado por uns poucos nomes importantes foi, e continua, sendo reproduzido ao longo de décadas. De outro lado, a aceitação acrítica daquela visão de Brasil resultou de certas demandas psicológicas. Foi o caso da valorização da mestiçagem, à qual nossos vizinhos atribuíam a suposta inferioridade dos brasileiros (chamados de *macaquitos* por argentinos e uruguaios), transformada em explicação das vitórias futebolísticas. E estas foram criando uma identidade para a nacionalidade, que não se reconhecia nem no desaparecido Estado monárquico de origem estrangeira nem no novo Estado republicano do qual a maioria da população sentia-se excluída.

O futebol passou desde então a ser o grande elemento de identidade nacional, o campo de atuação no qual o brasileiro tem qualidades reconhecidas por si próprio e pelos outros. Ora, como “identificação é a forma mais original de ligação sentimental com um objeto” (Freud, 1991, p. 45), a conclusão das presentes reflexões pode surpreender e mesmo incomodar – alguns jogadores notáveis, e algumas grandes conquistas futebolísticas fornecem ao Brasil um elemento compensatório para sua mediocridade histórica. O país agarra-se a isso para esquecer que nunca produziu um número importante de consagrados inventores, cientistas, filósofos, poetas, romancistas, teatrólogos, pintores, escultores, cineastas, políticos, guerreiros, heróis⁶. Intuindo o fato, Gilka Machado tentou poeticamente inverter a hierarquia cultural estabelecida e colocar os futebolistas brasileiros no seu topo, proclamando que

“aos vossos pés geniais/ curvam-se, reverentes,/ os cérebros do Universo”. Se por outros motivos o país não conseguiu “se insinuar/ no coração/ do Mundo”, pouco importa: “que obra de arte ou de ciência,/ de sentimento ou de imaginação/ teve a penetração/ dos gols de Leônidas”? A afirmação brasileira ocorreria diferentemente, por meio de “atletas franzinos/ gigantes débéis/ que com astúcia e audácia,/ tenacidade e energia” revelam para a Europa “um debuxo maravilhoso/ do nosso desconhecido país” (Machado, 1978, pp. 201-2).

O problema, como o tempo foi revelando, é a fragilidade da fórmula “país do futebol”, que pressupõe que ele vença sempre, ou quase, e com estilo. Quando isso não acontece o país imaginário se esgarça e revela o país real. Se a plasticidade sem vitória de 1938 foi suficiente para a geração de Gilberto Freyre e Gilka Machado, a de 1982 despertou no ano seguinte o humor autoderrisório da canção “Inútil” do grupo Ultraje a Rigor: “a gente não sabemos/ escolher presidente/ a gente não sabemos/ tomar conta da gente/ [...] a gente faz filho/ e não consegue criar/ a gente pede grana/ e não consegue pagar [...]”. E depois de enumerar uma dezena de atividades reveladoras de que “a gente somos ‘inúteu’”, uma última aparece, quase como síntese das anteriores – “a gente joga bola/ e não consegue ganhar”. Então a canção se fecha com o refrão insistindo: “‘inúteu’/ a gente somos ‘inúteu’/ ‘inúteu’/ a gente somos ‘inúteu’”.

Mesmo tendo o país mudado bastante de lá para cá, a falta de eventos marcantes que ao longo da nossa história tenham forjado um forte sentimento de nacionalidade fez com que este continuasse sendo construído em torno de elementos acessórios. Em especial o futebol, ao qual se atribui a função de saciar a “sede de glória/ de um povo/ novo” (Machado, 1978, p. 201). E assim, como antes de a glória chegar o complexo de vira-latas nos paralisava, depois o complexo de *pedigree* fará o mesmo. Pensar-se como “país do futebol” poderia ser somente uma definição irrelevante, no entanto ela tangencia a soberba se concordarmos com Ror Wolf (1982, p. 319), que “o mundo sem dúvida não se resume ao futebol, mas no futebol, e isto não é segredo, encontra-se toda uma parte do mundo”. O Brasil carece, no futebol e na vida, de um olhar realista, equilibrado, não de autoimagens enganosas. Poder-se-ia, então, começar por esta constatação – o Brasil é país de bons futebolistas, não o país do futebol. E despindo-se dessa máscara, falsa, talvez ele possa finalmente ser mais do que isso.

6 Um parâmetro comparativo poderia ser a atribuição do Prêmio Nobel nas suas diferentes áreas, mesmo deixando de lado os grandes ganhadores: EUA (338 vezes), Reino Unido (119), Alemanha (101), França (65). Enquanto o Brasil não recebeu nenhum prêmio, países muito menores em área e população já foram agraciados, como Bélgica (10), Israel (10), Irlanda (7), Finlândia (4), Romênia (3), Lituânia (3), Grécia (2), Portugal (2). Inclusive países minúsculos na escala brasileira já foram condecorados uma vez, como Chipre, Ilhas Faroé, Islândia, Tibet, ou duas vezes, como Luxemburgo. Dentre os chamados emergentes, a China possui 8 distinções, a Índia 7. Alegar o passado colonial, a vida política instável ou limitações econômicas não explica nada, quando se sabe que Bangladesh, Gana, Indonésia, Nigéria, Paquistão e Trinidad Tobago receberam a honraria, e que a África do Sul obteve-a 10 vezes. Pior ainda, na América Latina vários países já foram premiados com o Nobel: Argentina (5 vezes), México (3), Chile (2), Colômbia, Costa Rica, Peru, Venezuela (uma vez cada).

BIBLIOGRAFIA

- BELLOS, Alex. *Futebol, o Brasil em Campo*. Trad. Jorge Viveiros de Castro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- FISHWICK, Nicholas. *English Football and Society, 1910-1950*. Manchester, Manchester University Press, 1989.
- FREUD, Sigmund. *Psychologie des Masses et Analyse du Moi* [1921]. Trad. Janine Altounian alii. Paris, PUF, 1991 (Œuvres complètes, XVI).
- FREYRE, Gilberto. "Foot-ball Mulato", in *Diário de Pernambuco*, 8/6/1938, p. 4. Reproduzido em Gilberto Freyre. *Sociologia*. 4ª ed. Vol. II. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967, p. 432.
- LACOMBE, Rémy. "Entraînant ou en Traînant", in *France Football*, n. 3.490, 26/2/2013, p. 3, Paris.
- LANZUOLO, Giulia; VIEIRA, Leandro. "Em 2012, Brasil Exportou Quase o Mesmo Número de Jogadores que Importou", in *Folha de S. Paulo*, Programa de Treinamento, 3/7/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/treinamento/2013/07/1305031-em-2012-brasil-exportou-quase-o-mesmo-numero-de-jogadores-que-importou.shtml>.
- MACHADO, Gilka. "Aos Heróis do Futebol Brasileiro" [1938], in *Poesias Completas*. Rio de Janeiro/Brasília, Cátedra/Instituto Nacional do Livro, 1978.
- MARTINHO, Fernando. "As Receitas e Médias de Público do Brasileiro 2012", 6/12/2012. Disponível em: www.futebolbusiness.com.br/2012/12/as-receitas-e-medias-de-publico-do-brasileirao-2012/. Acessado em: 18/7/2013.
- MATOS, Rodrigo. "Exportador, Brasil Lidera Lista de Países que Mais Faturaram com Venda de Jogadores em 2012". Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/04/23/exportador-brasil-ganha-r-243-milhoes-com-venda-de-jogadores-em-2012.htm>.
- NOLASCO, Carlos. "Migrantes de Calções e Chuteiras: Dinâmicas Migratórias do Futebol Português", in *O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento CES/FEUC/FLUC*, n. 4, 2010. Disponível em: http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/pdf/16_Carlos_Nolasco.pdf.
- PIRES, Breiller. "Neymar Crucificado", in *Placar*, n. 1.371, outubro de 2012, pp. 42-6. Disponível em: <http://placar.abril.com.br/revista/edicao-1371>.
- PLURI Consultoria. "Os 100 Clubes com Maior Média de Público no Mundo". Disponível em: www.pluriconsultoria.com.br/relatorio.php?id=182, 23/10/2012. Acessado em 15/7/2013.
- PORTAL 2014. "85% dos Brasileiros Não Sabem o que É a Copa das Confederações", 26/3/2013. Disponível em: www.portal2014.org.br/noticias/11529/85+DOS+BRASILEIROS+NAO+SABEM+O+QUE+E+A+COPA+DAS+CONFEDERACOES.html. Consultado em: 17/7/2013.
- RODRIGUES, Nelson. "O Complexo de Vira-latas" [31/5/1958], em *À Sombra das Chuteiras Imortais – Crônicas de Futebol*. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- SERRADO, Ricardo. *História do Futebol Português das Origens ao 25 de Abril. Uma Análise Social e Cultural*. Vol. I. Lisboa, Prime Books, 2010.
- SOARES, Antônio Jorge et alii. "Jogadores de Futebol no Brasil: Mercado, Formação de Atletas e Escola", in *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 33, 2011, p. 910, Porto Alegre.
- WOLF, Ror. *Das nächste Spiel ist immer das schwerste*. Königstein, Athenäum, 1982.